

Cont: O intelectual na cidade.

-6-

(b) "Intelectual", visto sob o enfoque das reflexoes precedentes, passa a ser concebido enquanto cidadao que habita o espaco teorico da cidade. Sua funcao, na cidade classica grega, e a da criticar e regulamentar o espaco politico, (as obras e a sua troca), e, atravez o espaco politico, criticar e regulamentar o espaco da economia. Tal funcao, o intelectual a pode exercer, porque esta libertado da condicao politica e economica, (tais dois espacos o sustentam), e tal "tempo livre", tal lazer, tal "scholē", lhe permitem dedicar-se a contemplacao das formas, das "eidēai", que estao armazenadas no "topos uranikos", (no ceu). O intelectual classico, (o "filosofo"), ao passear pela praca publica, perambula portanto entre dois polos, ("peri-pathein"): dirige-se rumo as formas, ("theoria"), e depois dirige-se rumo as obras para compara-las com as formas vistas, (governo). Quando toma a primeira direcao, esta construindo ponte entre a cidade baixa e a cidade alta, (entre "agora" e "akro-polis"), e quando volta em direcao oposta, esta impondo as regras logicas da cidade alta sobre a baixa, (esta legiferando). Roma, tal cidade classica "a outrance", vai organizar tais duas caminhadas. A caminhada construtora de pontes, (a "pontifical"), vai ser considerada a mais importante, ("magistral"), a caminhada legiferante, (governamental), vai ser considerada a menos importante, ("ministerial"), e o magisterio vai ser separado do ministerio por ruptura que vai caracterizar o Ocidente latino todo. (No Ocidente grego essa ruptura jamais e nitida, o que explica que, na Russia por exemplo, jamais e feita distincao nitida entre Igreja, (Partido), e governo.) Ora, tal dupla funcao do intelectual classico, (teoria e governo), vai sofrer varias modificacoes no decorrer da historia, ate resultar no intelectual atual, e tais modificacoes devem ser consideradas.

A base da posicao social do intelectual classico, (do filosofo), e determinada antropologia: o homem e ente que caiu do ceu sobre o mundo aparente, e atravessou, na queda, o rio do esquecimento, ("lethe"). Se continuar esquecendo a sua patria, (o reino das ideias, das formas logicamente armazenadas), vivera imerso nas aparencias em circulo absurdo, (vivera "economicamente"). Se se lembrar das formas, e se decidir aplica-las as aparencias produzindo obras, vivera deturpando as ideias, (vivera "politicamente"). E se se lembrar das ideias, dando as costas as aparencias, e construindo pontes para voltar ate a patria, vivera em busca da verdade, ("a-letheia"=des-esquecimento), (vivera "filosoficamente"). Segundo tal antropologia, a vida economica e "idiotica", (privada das ideias), a vida politica e "dogmatica", (vitima de enganos, "doxai"), e apenas a vida filosofica e verdadeiramente humana. Dai o desprezo dos intelectuais classicos pelo trabalho repetitivo, (escravidao), e pela imitacao de ideias, ("mimesis"), isto e pela arte. Dai tambem o desprezo do intelectual pelo heroi, (o qual aplica ideias), e seu engajamento em vida contemplativa.

A revolucao judaica substituiu tal antropologia por outra: o homem e criatura de Deus, (tanto quanto o resto do mundo), mas inspirado pelo espirito do discernimento. Tal discernimento lhe permite governar o mundo, dando-lhe "nomes", isto e: fazendo leis, "taxonomia". No entanto, o homem utilizou seu discer-

nimento para escolher o "mal", (pecado original), e foi expulso do paraíso. Com isto perdeu a liberdade de escolher, e portanto a capacidade de governo. Do estágio original de "peccare posse", (ser livre para pecar), passou para o estágio "non pēccare non posse", (nao poder senao pecar), o que β torna a cidade humana cidade do pecado. A funcao do intelectual, (do sacerdote), e a de arrancar a cidade de tal estágio dēsesperado, e eleva-la ao estágio do "peccare non posse", (nao poder mais pecar), isto e: salvar a cidade. Note-se que a cidade de Deus nao e restituicao do paraíso: no paraíso era possivel o pecado, na cidade de Deus e impossivel, ou: quem governa no paraíso e o livre arbitrio humano, e quem governa na Cidade de Deus e a vontade Divina. Em outros termos: liberdade passà a ser sinonimo de pecado. O intelectual medieval assenta sobre tal antropologia.

O que distingue o intelectual medieval, (o sacerdote), do intelectual classico, (do filosofo), sao sobretudo dois aspectos. Para o sacerdote a verdade nao mais pode ser "des-coberta" pela contemplacao, mas "re-vela-se" espontaneamente e gratuitamente, ("gratia fidei"), de modo que a filosofia passa a ser mera serva da fe, ("ancilla theologiae"). E disto se conclui que o intelectual nao mais pode exercer o governo em base de teoria, (enquanto "autor"), mas apenas pode aplicar verdades reveladas em base da fe, (enquanto "autoridade" investida pelo "Autor transcendente"). Ora, o intelectual e investido de tal autoridade por dois metodos diferentes, embora complementares: pela "prece", (oratio) que provoca a graca, (a gratuidade), e pelo estudo de textos nos quais o Autor se revela, ("doctrina"). De modo que vai haver dois tipos de intelectuais: os cuja "auctoritas" provem da prece, (os monges), e os cuja "auctoritas" provem do estudo, ("doctores", bispos). O primeiro tipo vai instalar-se na vilania, (mosteiros), e vai continuar na tradicao filosofica classica, embora sob premissas novas. O segundo tipo de intelectual, (organizado hierarquicamente), vai assumir a autoridade do governo da cidade. Tal divisao nao e jamais nitida, ja que sempre houvera doutores nos mosteiros, e as catedrais serao sempre lugares de prece.

Na Alta idade media tal divisao da autoridade entre monges, (magistros), e bispos, (ministros), vai sofrer convulsao causada no seio dos magistros, cuja consequencia sera a revolucao burguesa e a Reforma. Trata-se do problema dos "universais", isto e das "formas imutaveis". Os mosteiros se dividirao em dois partidos em contenda: o partido dos "realistas" e o dos "nominalistas". Para os "realistas" os universais sao entidades reais e logicamente estruturadas, e o universal supremo e Deus, de maneira que Deus pode ser logicamente "induzido". Posso "avancar" do particular, ("esta mesa"), logicamente ate Deus, passando por universais como "movel", "objeto fabricado", "objeto" e "coisa aparente". De maneira que o pensamento logico, (filosofia), e a acao informada por tal pensamento, (alquimia), podem levar ate Deus. Para os "nominalistas", os universais sao meros nomes que permitem comparacao, mas nao tem realidade, ("movel" e nome que me permite comparar entre mesa e cadeira), e pensamento logico nao leva ate Deus.

O unico caminho que leva ate Deus e o da fe, ("sola fide"), e filosofia e alquimia, (tecnica em geral), sao ciladas do diabo. Ora, tal contenda solapa a autoridade dos mosteiros, e vai minando a autoridade dos bispos. Se ha dois metodos contraditorios para libertar a cidade do estagio pecaminoso, e se ambos sao igualmente "ortodoxos", nenhum e fiavel, e a autoridade tanto do monge quanto do bispo, (a autoridade do intelectual em geral), e duvidosa, e pode ser submetida ao "homem politico", ao artesao, ao burgues vitorioso.

A sumissao do intelectual ao artesao na Idade moderna incipiente vai resultar nao apenas em sua laicizacao, mas ainda em sua subdivisao fatidica em dois compartimentos de mais em mais estanques. Vao surgir, de um lado, intelectuais que sao uteis aos artesoes no seu esforco para produzir obras, (inclusive no esforco de governar a cidade dedicada a produzir obras), e do outro lado intelectuais que sao inuteis mas agradaveis, (um luxo que se pode permitir o artesao enriquecido). O primeiro tipo de intelectual vai fornecer teorias que permitem producao de mais em mais eficiente de obras, (ciencia da natureza, e mais tarde tecnicas para aplica-las), e que permitem organizacao de mais em mais eficiente da cidade, (filosofos no significado moderno, mais tarde sociologos, economistas, psicologos, administradores). Tal primeiro tipo de intelectual vai ser instalado em universidades, (mais tarde escolas politecnicas e institutos comparaveis), que vao ser sustentados ou pela cidade, ou por individuos da burguesia. O segundo tipo de intelectual vai fornecer informacoes que divertem a burguesia da seriedade quotidiana, e lhe permitem de recuperar suas forcas. Tais intelectuais divertentes e divertidos, (poetas, musicos, pintores, dancarinos, em suma: "artistas"), vao sendo gradualmente eliminados da vida quotidiana, na qual perturbam, e encerrados em guetos glorificados do tipo "museu" ou "academia", sustentados por mecenaria^{do}, e vao finalmente morrendo de tuberculose e malnutricao nas mansardas da cidade moderna. Tal triste situacao do intelectual moderno, (de um lado servo da producao, do outro palhaco glorificado), caracteriza a divisao da cultura moderna em "dura", (cientifica, tecnica), e "mole", (artistica, humanista).

No entanto: a sumissao do intelectual ao politico na epoca moderna esta banhada em curiosa ambiguidade. Para poder ser util ou agradavel, o intelectual precisa poder dispor de determinado campo de liberdade, e o burgues se ve obrigado a fornecer tal campo e a protege-lo. Por exemplo: o cientista que pesquisa a natureza para elaborar teorias uteis ao burgues precisa ter a sensacao que esta em procura da "verdade", e nao apenas de utilidade. Ou: o pintor que brinca com formas e cores para divertir o burgues precisa ter a sensacao que esta criando informacao nova, e nao apenas decoracoes de paredes burguezas. Ora, pode perfeitamente acontecer que determinadas teorias elaboradas por cientista, ou determinadas informacoes elaboradas por artista, "contestem" os propositos da burguesia dominante. Em tais casos, a burguesia estaria sustentando algo que a contesta, e e em tal ambiguidade da sumissao do intelectual ao politico que reside a "dignidade" do intelectual moderno. A famosa "traicao do intelectual" e a recusa de certos intelectuais a brincarem com tal ambiguidade.

O intelectual na cidade. (b) "Intelectual", cont.

A lenta reconquista do poder pelo intelectual, (a qual se torna patente apenas nos anos 50 e 60 deste seculo), exige analise mais detalhada. O ponto de partida para tal analise e a constatacao que "intelectual" em todos os significados historicos do termo, (isto e: filosofo, doutor da Igreja, monge, cientista, tecnico, artista), sempre implica cidadao que contempla e manipula formas, (ideias). Nao importa se tal contemplacao e/ou manipulacao visa elevar a cidade ate elas, (caso classico e medieval), ou se, pelo contrario, visa aplicar as formas a cidade e suas obras, (caso moderno). O importante e que "intelectual" e cidadao que pensa e age "formalmente", e que e nisto que se distingue dos demais habitantes da cidade. Ora, agir "formalmente" e dizer agir "simbolicamente". O intelectual e cidadao para o qual determinados simbolos sao o que para o artesao e materia prima, e para o camponez bicho e planta. Simbolos sao fenomenos que foram convencionados, (concientemente ou nao), para representarem outros fenomenos, para terem "significado". Ao terem sido destarte convencionados, foram inseridos em sistemas regidos por determinadas "regras de jogo", e tais sistemas sao chamados "codigos". De modo que se pode dizer que "intelectual" e cidadao cuja funcao e a de manipular codigos que significam a vida da cidade, (dao significado a esta). A atual reconquista do poder pelos intelectuais exige, para ser compreendida, analise dos codigos com os quais os intelectuais pensam e agem.

Nao e necessario voltar-se ate a Idade classica e medieval, para captar-se o problema da atualidade. Basta dizer que na epoca pre-moderna os intelectuais manipulavam sobretudo o codigo alfabetico, que eram sobretudo "letrados". O que importa, em tal contexto, e dizer que em tal epoca a grande maioria da cidade era "iletrada", e que o poder do intelectual se manifestava pelo fato que pertencia a uma casta de "iniciados a um codigo hermetico", ao alfabeto. (Uma das explicacoes do antisemitismo medieval e o fato que a populacao masculina judia era sempre, em sua totalidade, "letrada"). Mas, com a Idade moderna, tal privilegio do intelectual ia-se evaporando: a invencao da imprensa levou a alfabetizacao generalizada. A analise da reconquista do poder pelo intelectual deve iniciar-se com a consideracao da situacao depois da invencao da imprensa.

A burguesia vitoriosa, (e agora letrada), dividiu os intelectuais submissos em dois compartimentos: os "uteis" e os "agradaveis". A reconquista do poder sera feita pelos "uteis", razao pela qual os seus codigos devem ser considerados. Ai se constata que os cientistas, (e mais tarde os tecnicos), embora continuem a manipular o codigo alfabetico, se vem obrigados a recorrerem sempre mais a cifras. Tais simbolos sempre infiltravam o alfabeto, de modo que o termo "alfa-numerico" e mais adequado, mas na Idade moderna as cifras se tornam de mais em mais dominantes sobre as letras. A razao disto e complexa e extravasa o presente ensaio. Baste dizer que aparentemente o natureza, a ser pesquisada cientificamente, exige ser numerizada, (contada), e nao descrita. Ora, ha contradicao entre letra e cifra: a letra significa discurso, (evento), e a cifra significa quantidade, (ponto). Letras e cifras nao sao reduziveis uma a outra, e Russel

provou que o pensamento expresso em letras, ("logico"), nao pode ser reduzido ao pensamento expresso em numeros, ("matematico"), ou vice versa. De modo que os cientistas e tecnicos, (os intelectuais "uteis"), tendiam progressivamente a manipularem sempre mais cifras, e sempre menos letras.

Ora, o codigo das cifras representa problema: e "claro e distinto", isto e: as cifras sao separadas, uma da outra, por intervalos. Tal codigo nao e pois "adequado" para captar o mundo extenso, porque a maioria de tal mundo escapa pelos intervalos. Se o pensamento dos intelectuais passa a ser numerico, (se a "coisa pensante" passa a ser clara e distinta), nao se adequa a "coisa extensa. Eis a razao porque Descartes inventou o codigo da geometria analitica: para adequar extensao com cifra. A solucao nao era satisfatoria, razao pela qual Leibniz e Newton inventaram o calculo, para integrarem os intervalos, (os "diferenciais"), entre as cifras. Tais manipulacoes do codigo numerico o tornaram de mais em mais sofisticado, e inacessivel ao resto dos habitantes da cidade. Os intelectuais "uteis" voltaram a fazer parte de uma casta de iniciados.

No entanto, isto nao e o fim de tal desenvolvimento. O calculo permitiu que todos os eventos, (todos os processos), sejam expressos em equacoes diferenciais, e portanto acessiveis a manipulacoes tecnicas, (todos os problemas eram tecnicamente soliveis). Isto a explicacao do otimismo progressista do inicio do seculo 20. No entanto: afim de aplicar as equacoes, (afim de tornalas "uteis" para os produtores de obras), e preciso que sejam re-numeradas em cifras. Quando os processos calculados sao complexos, tal re-numerizacao leva muito tempo, (mais tempo nao apenas que a vida humana, mas em casos muito complexos como o sao os processos mentais), mais tempo que a duracao do universo. Eis a razao porque foram inventadas maquinas, (computadores), que numerizem mais rapidamente que seres humanos. Tais maquinas exigem, para funcionarem, que sejam alimentadas por codigos funcionalmente simples, (digitais), mas estruturalmente complexos. Os intelectuais "uteis" passaram a elaborar tais codigos, e a manipula-los. Com isto, passaram a constutir casta hermetica quase inteiramente impenetravel pelo resto dos habitantes da cidade. A cidade se dividiu, de novo, em "letrados" e "iletrados".

Os novos codigos digitais nao apenas permitem numerizar equacoes, (nao apenas calculam), mas igualmente permitem recompor calculos em linhas, (curvas estatisticas), superficies, (imagens sintetizadas), e volumes, (hologramas), isto e "computam". De maneira que o intelectual "util" pode doravante produzir simbolicamente tudo que o artesao produz materialmente. Tais produtos simbolicos, ("simulacros"), podem ser inseridos em maquinas que os transcodificam em obras "duras". Como que por golpe de magia, o artesao, o burgues, o dono das maquinas, (e da cidade), se tornou redundante. O intelectual "util", munido de maquinas computadoras e transcodificadoras, (robots), pode doravante fazer mais rapidamente, melhor e mais baratamente, tudo ate agora feito pela cidade moderna. Em suma: o intelectual pode dispensar da cidade.

E isto nao e tudo. O intelectual "agradavel", o artista, que ficou reduzido, pela burguesia vitoriosa, a manipular codigos artesanais, (imagens,

sons, palavras, gestos do corpo), afim de divertir a cidade, pode, repentinamente, ter recurso ao código digital para produzir "simulacros". Ora, tal intelectual "agradável" jamais aceitou sua servidão de bom grado: sempre sustentava que estava criando informações que sirvam de modelos de vivência para a cidade. Tal afirmação era em parte verdadeira, (a vida da cidade se orientava de fato em parte segundo os modelos elaborados pelos artistas), mas a penetração dos modelos estéticos sempre era lenta e pouco eficiente. A vida da cidade moderna era sempre muito mais modelada pelos modelos científicos e técnicos que pelos modelos provindos da arte. O intelectual "útil", (o cientista e técnico), era muito mais "criativo", na época moderna, que o artista. A explicação disto é que os modelos científicos são elaborados graças a teorias, e os artísticos apenas empiricamente, (graças a "intuição, ao gênio, ao palpite"). Com o acesso ao código digital o artista pode doravante formular seus modelos de maneira cientificamente disciplinada, e tornar-se mais "criativo". Com isto o divórcio fatídico entre "cultura científica e humanística", (entre intelectual "útil" e "agradável"), está sendo superado, e o novo intelectual assume o poder em desprezo pela divisão estabelecida pela burguesia.

A situação atual do intelectual parece pois a seguinte: A grande maioria dos intelectuais, (que não se deu conta da tomada do poder pelos intelectuais), continua manipulando os códigos modernos, como seja o das letras, dos sons, das tintas etc., e continua pois sujeito a uma burguesia em vias de ser deposta. É uma pequena, mas crescente parte dos intelectuais esta aprendendo a manipular os códigos novos, e esta se preparando para assumir o governo. Exemplos precoces de tal parte consciente são os tecnocratas, os analistas de sistemas, os futurologos, e os decisores na política, na indústria, e na economia. Ora, tal pequena parte dos intelectuais não necessita mais da cidade, e que seja apenas porque os seus produtos são imateriais, (não geograficamente localizáveis). Este novo tipo de intelectual está pois iniciando a construção de um novo tipo de sociedade, (a "telematizada"), para a qual o termo "cidade" está rapidamente perdendo significado. Isto é o dado fundamental para quem quiser refletir atualmente sobre a questão "O intelectual na cidade".

O intelectual na cidade. Cont.

(c) Tendencia atual, cujas premissas foram esboçadas por traços rápidos nos dois parágrafos precedentes, parece apontar situação na qual o problema que é o assunto desta reflexão não mais terá vigor, porque parece apontar situação social sem cidades. No entanto: trata-se apenas de tendência, e não de fato já concretizado. Eis a razão porque se impõe considerar a situação atual concreta, portadora da tendência mencionada, sob o enfoque da problemática "intelectual na cidade":

Não importa como queiramos rotular a situação atual, quer "situação pos-industrial", quer "informática", quer "pos-moderna", sempre devemos manter em mente que estamos falando grosso modo, de situação geograficamente restrita. A saber: estamos falando da situação do dito "mundo desenvolvido" que abrange apenas minoria da sociedade humana. Outras regiões da humanidade se encontram em situações diferentes: nos estágios já percorridos pelo "mundo desenvolvido", mas ~~distintos~~ ^{distintos} pelo simples fato de serem "defasados", (contemporâneos com o estágio novo). Estas reflexões não se ocuparão com tais estágios "sub-desenvolvidos" (quer sejam industriais, quer pre-industriais, quer pre-históricos), por razão muito simples: os intelectuais, não importa aonde se encontrem geograficamente, participam do "mundo desenvolvido" na medida em que participam dos códigos que atualmente caracterizam a intelectualidade. Por isto afirmo que estamos falando em situação geograficamente restrita apenas "grosso modo": a nova situação, portadora da tendência abolidora de cidades, abrange desde já todos os intelectuais no mundo inteiro. Isto será o ponto de partida das reflexões sobre "intelectuais paulistanos", que serão desenvolvidas em capítulo subsequente.

O que distingue a nova situação das precedentes é a emergência de nova antropologia. As reflexões deste capítulo tentaram elaborar as antropologias vigentes nas situações anteriores: (a) a antropologia clássica, para a qual o homem seria emigrante do mundo das formas eternas, (b) a antropologia medieval, (judeo-cristã), para a qual o homem seria criatura a ser salva do pecado original, e (c) a antropologia moderna, para a qual o homem seria fabricante, (modificar do mundo objetivo com a finalidade de modificar-se a si próprio progressivamente). A cidade, nas suas várias estruturas, foi vista enquanto realização de tais antropologias, (as quais seriam por retro-alimentação a justificativa ideológica da cidade). A antropologia emergente não é tão facilmente definível, porque ainda não resultou em fórmula tão nitida quanto a de Platão, ou S. Tomás, ou Marx, mas seus contornos são desde já nitidamente perceptíveis. Trata-se de antropologia que nega a justificativa da existência de cidades, e justifica sociedade de tipo diferente.

A nova antropologia se integra em toda uma ontologia, para a qual o conjunto do "real" é concebido enquanto campos relacionais interferentes. O "real" não mais é concebido enquanto conjunto de entidades que se relacionam, (por exemplo de corpos ou de "ideias"), mas, pelo contrário, enquanto conjunto de relações em cujos pontos de cruzamento emergem entidades, para novamente mergulharem no campo. (Por exemplo: os corpos físicos são considerados "lugares densos" em campos relacionais, não mais explicáveis fisicamente, mas topologicamente). A nova antropologia esposa tal pon-

to de vista: o homem nao mais e percebido enquanto entidade abrigando um nucleo "duro" qualquer, (seja ele "espirito", "alma", "mente" ou apenas "identidade"), mas e agora percebido enquanto amarrado de relacoes pertencentes a campos diversos e mutuamente sobrepostos. Em outros termos: "homem" e rotulo que designa determinado ponto de cruzamento entre as relacoes do campo electro-magnetico, gravitacional, neuro-fisiologico, psiquico, social, economico, cultural, e incontaveis outros campos. Para recorrer a termo atualmente de mais em mais adequado: "homem" e "zona cinzenta na qual se cruzam varios ecossistemas". Tal antropologia implica determinada sociologia: "sociedade humana" nao mais e concebida enquanto grupo de homens que se relacionam entre si, mas enquanto rede de relacoes sociais em cujos cruzamentos emergem "individuos humanos", ou "inteligencias artificiais", ou outras pseudo-entidades. Tanto "homem" quanto "sociedade" passam a termos abstratos, e o dado concreto passa a ser a relacao social, inter-subjetiva. Nao ha, concretamente, nem homem sem sociedade, nem sociedade sem homem, e o problema moderno "o homem e bom para a sociedade, ou a sociedade para o homem?" passa a ser problema falso. Igualmente falso e o problema moderno se o homem deve modificar a sociedade, afim de torna-la mais humana, ou se a sociedade deve modificar o homem, afim de socializa-lo. A nova antropologia implica em novo tipo de engajamento.

O "real", concebido enquanto conjunto de campos relacionais, ("ecosistemas"), interferentes, se caracteriza por tendencia geral que visa o estabelecimento de situacoes de mais em mais "provaveis", que visa distribuicao sempre mais uniforme dos fios relacionais, que visa "entropia". Tal tendencia pode ser formulada inversamente: o "real" tende para perda progressiva de todas informacoes, de todas as situacoes improvaveis. Ora: podem ser constatadas, no "real", tendencias opostas, "negativamente entropicas", criadoras de situacoes improvaveis, por exemplo no campo da astronomia, (emergencia de galaxias), no campo geologico, (emergencia de cristais), no campo biologico, (emergencia de especies novas). Tais tendencias sao efemerias, e voltarao, necessariamente, para a tendencia geral, embora o facam por necessidade "estatistica", (acumulo de acasos). O "homem" e percebido enquanto tendencia "negativamente entropica" dupla: nele, informacoes biologicas, ("geneticas"), sao preservadas e transmitidas, e, alem disto, informacoes adquiridas, ("culturais"), sao armazenadas, processadas, e transmitidas. O "homem" e pois percebido enquanto dupla negacao da entropia, e isto seria sua "dignidade". Isto implica o seguinte engajamento: provocar, ("criar"), informacoes, situacoes de mais em mais improvaveis. De "homem fabricante", (homo faber), passa a "homem criador", (homo ludens). Em certo sentido trata-se, na nova antropologia, nao apenas de inversao da moderna, mas igualmente da medieval, (de criatura o homem passa a criador), e da classica, (de contemplador de formas eternas o homem passa a produtor de formas). No entanto: o clima da nova antropologia e o do absurdo: como toda tendencia negativamente entropica o homem devera voltar necessariamente para a entropia geral, sera "esquecido" com todas as informacoes por ele criadas.

O termo-chave da nova antropologia e "informacao", e e sobre ele que se concentra o interesse dos intelectuais da atualidade. Doravante, "intelectual"

e aquele quem esposa a nova antropologia, quem e o "novo homem". Ora, "informacao" e termo relativo: determinada situacao e tanto mais informativa, quanto menos provavel. O resultado de tal relativizacao e a emergencia de toda uma serie de novas disciplinas: calculo de probabilidade, informatica, teoria da decisao, teoria dos jogos. Se, no campo extra-humano, a disciplina fundamental passa a ser a ecologia,, (como o era a fisica na epoca moderna), no campo humano passa a ser a analise de sistemas, (como o era a psico-sociologia na epoca moderna). Com a diferenca que ecologia e analise de sistemas se co-impli- cam mutuamente, e nao sao mutuamente reduziveis. Intelectual, doravante, e habi- tante de tal zona cinzenta de interferencias, de tal "caixa preta", e e nela e dela que procura produzir situacoes improvaveis. Informacoes, "aventuras".

As novas disciplinas, (codificadas numericamente ou digitalmente), mostr- como informacoes, "aventuras", surgem: por variacao de informacoes ja disponi- veis, ou por introducao de "ruídos" em informacoes disponiveis. Ora, as infor- macoes disponiveis sao numerosas demais para serem armazenadas em memoriais tra- dicionais, (cerebros, bibliotecas, objetos culturais), e exigem memorias mais amplas e mais facilmente manipulaveis. As memorias eletronicas, (e futuramente as neurofisiologicas artificiais), permitem armazenamento e recuperacao de infor- macoes numerosas, e portanto sua variabilidade e processamento "criativos". In- telectual, doravante, e quem manipula tais memorias em funcao de criatividade. Ora: "criatividade" passa a ser processo que se passa entre o intelectual e a memoria artificial, a qual, obviamente, outros intelectuais tem acesso. "Cria- tividade" passa a ser processo dialogico nã qual participam varios intelectuais e varias memorias, ao trocarem informacoes a serem processadas. Com isto, a po- sicao do intelectual e radicalmente modificada: nao mais processa ele informa- coes em relativo isolamento, (por "genialidade, intuicao ou palpite"), mas em dialogo disciplinado. Ja que a nova antropologia nega que haja "nucleo duro" no homem, mas afirma que homem e amarrado de relacoes, tal posicao dialogica do intelectual se torna compreensivel. Em termos existenciais: o intelectual e um "eu" na medida em que e chamado de "tu" por outros, na medida em que e "re- conhecido", e a criatividade passa a ser funcao de mutuo reconhecimento pro- cessador de informacoes disponiveis.

O resultado disto e emergencia de rede dialogica criativa, cujos fios transportam informacoes, e em cujos cruzamentos sao localizadas memorias e intelectuais-processadores. Tal rede e o embriao da sociedade futura, e, des- de ja, o lugar das decisoes quanto ao resto da sociedade, (o "governo"). E nes- te sentido que o intelectual reconquistou, desde ja, o poder sobre a sociedade. Em tese, tal rede nao e localizada nem localizavel; ja que forma sistema aberto e decentrado. Na pratica atual, no entanto, as memorias ainda sao localizadas, (embora copiaveis e multiplicaveis), assentam em campos do "mundo desenvolvido", (na costa pacifica dos EE.UU., nas regioes entre a Franca, a Suica e a Alemanha, em determinadas regioes japonezas, para dar alguns exemplos), e os intelectuais tendem, ainda e provisoriamente, a se aglomerarem na vizinhanca. Tal situacao e provisoria, porque as memorias tendem a se tornarem fisicamente menores e mais

baratas, tendem a emitirem antenas, e a se distribuirem pelo globo inteiro. Por certo: a burguesia deposta procura preservar a situacao geografica atual, para manter o pretexto, (de mais em mais ilusorio), que ainda conserva o controle financeiro e politico das decisoes, (embora seja incapaz para comprede-las). Mas tal tentativa reacionaria esta fadada ao malogro, se a tendencia atual para a informatizacao continuar se expandindo. O que nao e certo: nao a burguesia deposta, mas a humanidade faminta "sub-desenvolvida", pode interferir, e evitar que o "novo homem" se realize, (veja-se tendencias do tipo "fundamentalismo islamigo", "negritude" ou "movimento pan-turco").

Eis pois, segundo as reflexoes precedentes, o contexto no qual atualmente o problema "o intelectual na cidade" deve ser posto: O intelectual, sumisso durante a epoca burguesa, pelo homem-fabricante, e destarte transformado em servo ou palhao da cidade industrial, esta se libertando gracias a elaboracao de novos codigos, e esta re-assumindo o governo da sociedade. Ao faze-lo, esta abandonando a cidade, e projetando novo tipo de sociedade. A burguesia deposta, e o "mundo subdesenvolvido" estao resistindo a tal "revolucao informatica", e parte dos intelectuais esta se aliando a tal resistencia reacionaria, e podem muito bem impedir o estabelecimento do "novo homem". O problema e pois este: "sera que o intelectual pode superar a cidade?" E neste contexto que o capitulo seguinte refletira sobre o intelectual paulistano.